

Reflexões sobre a burocracia na perspectiva de uma “antropologia anarquista”.

GRAEBER, David. The utopia of Rule: on technology, stupidity, and the secret joys of bureaucracy. London: Melville House Publishing, 2015. 146 p.

Priscila da Silva Nascimento

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais na Unesp de Araraquara (SP), Professora Assistente I na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
E-mail: pri18silva@ig.com.br

Adan R. M. Martins

Mestre em Antropologia Social Professor do Instituto Federal do Pará (IFPA).
E-mail: kikobarrocco1@yahoo.com.br

O interesse teórico pela problemática da burocracia declinou bruscamente desde fins da década de 1970. Em contrapartida, o uso de termos geralmente associados ao fenômeno burocrático como, por exemplo, formulário, avaliação, entre outros, aumentou significativamente. O tempo diário que as pessoas passam dedicadas a atividades burocráticas também aumentou. A falta de interesse teórico pela questão não se deve, portanto, à sua pouca importância no mundo atual, mas à sua extensão a todas as dimensões da vida social.

A crítica da burocracia surge atualmente entre os setores de direita para justificar a privatização dos serviços públicos e a burocratização radical do cenário global (Banco Mundial, FMI, OMC e corporações transnacionais), dissimulando a multiplicação de regulamentos e normas de todos os tipos e, o que é mais importante, de uma classe de administradores responsável por aplicá-los. A ameaça da violência física é o fundamento último da expansão burocrática. Tira-se disto as seguintes lições: 1 - “do not underestimate the importance of sheer physical violence” [não subestime a importância da violência física] (: 21), 2- “do not overestimate the importance of technology as a causative factor” [não superestime a importância da tecnologia como fator causal] (: 23) e 3- “always remember

it's all ultimately about value" [lembra-se sempre que tudo gira, em última análise, em torno do valor] (: 24).

Esta é, em linhas gerais, a tese introdutória da última obra do antropólogo anarquista estadunidense David Graeber, professor leitor de antropologia social no Goldsmith College da Universidade de Londres.

The utopia of rule: on technology, stupidity, and the secret joys of bureaucracy [A utopia das normas: da tecnologia, estupidez e os secretos prazeres da burocracia], ainda não publicada em português, compreende quatro ensaios que abordam de maneira clara e irônica como chegamos historicamente ao ponto de burocratização "total" das atividades humanas.

No primeiro ensaio, "Deads zones of the imagination: an essay on structural stupidity" [Zonas mortas da imaginação: um ensaio sobre a estupidez estrutural], Graeber descreve algumas de suas experiências com a rotina burocrática visando demonstrar como ela nos conduz a situações absurdas. É o caso, por exemplo, da tentativa de inscrever sua mãe em um programa governamental de atenção à saúde e requerer junto ao banco o direito de ser o procurador de sua conta bancária, depois que ela sofreu uma série de infartos em 2006. A mesma veio a morrer sem que Graeber conseguisse realizar ao longo de semanas todos os procedimentos exigidos por ambas as instituições. Ao final desta experiência traumática, teve a sensação de ter sido forçado a atuar todo tempo como um idiota. Lição aprendida: a burocracia, tanto corporativa como pública, está organizada para garantir que uma parte importante dos atores seja incapaz de realizar as tarefas nas quais se encontram envolvidos. É, por definição, uma forma utópica de organização social que fixa exigências impossíveis de serem realizadas pelos indivíduos. Diferentemente dos dramas sociais, redes de parentesco, formas poéticas, entre outros, nas quais se pode enveredar ilimitadamente por complexas tramas de sentido e de significação, a burocracia está desenhada para ser simples e autossuficiente. Não há nada a ser interpretado nela. Tende a se instalar ali onde ocorre a violência, entendida como ameaça de dano físico, pois nada mais faz do que gerir situações violentas.

A violência talvez seja, de acordo com Graeber, a única forma de ação humana capaz de ter efeitos sociais sem ser comunicativa, pois pode obter efeitos relativamente previsíveis sobre as ações de outra pessoa sobre a qual nada se sabe. Neste sentido, a burocracia não é estúpida em si mesma; é estúpida por gerir situações estúpidas sem ter de se preocupar em interpretá-las. A ameaça da violência é, em última análise, o que permite seu funcionamento e não sua pretensa racionalidade. É o que permite que decisões arbitrárias sejam tomadas e que o debate e as negociações que caracterizam as relações sociais mais igualitárias sejam evitados.

No ensaio "Of flying cars the declining rate of profit" [Dos carros voadores e o declínio na taxa de lucro], Graeber chama a atenção para o fato da presença onipresente da burocracia em nossas vidas não ser consequência do desenvolvimento tecnológico. Cita como exemplo a utopia industrial que lançou tanto os Estados Unidos como a URSS no período posterior à Segunda Guerra Mundial à corrida espacial. Observa como os futuros carros voadores e o trabalho físico realizado por robôs presentes no imaginário social e na ficção-científica da época derivaram em um desenvolvimento tecnológico orientado principalmente para o controle e a disciplina social. Até a década de 1970, a corrida espacial

funcionou como uma “poetic technology” (tecnologia poética), que se utiliza de meios racionais, técnicos e burocráticos para tornar realidade fantasias impossíveis e impensáveis. Após este período, o desenvolvimento tecnológico e a investigação científica passaram a ser cada vez mais orientados e organizados por processos burocráticos e hierárquicos. Como resultado, o papel da imaginação no trabalho investigativo se tornou cada vez mais restrito. Já nas últimas décadas, ocorreu um processo de transição que conduziu a investigação científica das “tecnologias poéticas” a das “bureaucratic technologies” [tecnologias burocráticas] (: 83), na qual toda a espontaneidade presente nas pesquisas realizadas em épocas anteriores ao capitalismo foi diluída em processos burocráticos.

Em “The utopia of rules, or why we really love bureaucracy after all” [A utopia das normas, ou por que na realidade, depois de tudo, amamos a burocracia], Graeber procura entender o porquê de aceitarmos sem resistência a burocracia e os absurdos que ela comete em nome da racionalidade. Realiza uma genealogia do serviço postal nos Estados Unidos e na Alemanha para demonstrar como o eficiente serviço prestado por esta instituição ajudou a sustentar estas nações e a fecundar as primeiras sementes daquilo que classifica como “amor” pela burocracia. Em seguida, empreende um breve estudo sobre a ideia de liberdade, tendo como fio condutor a problemática dos jogos. Baseando-se na diferenciação inglesa entre os significados de *to play* e *game*, afirma que o jogo (*to play*) é uma ação livre e improvisada e que o jogo (*game*) subentende a existência de regras sobre a qual o exercício da liberdade se torna efetivo. A livre energia poética se transformaria em simples aleatoriedade se não houvesse as regras no jogo. Observa que há diferenças entre regras implícitas e explícitas e que alguns problemas surgem quando se explicitam as regras que eram antes apenas implícitas. No estudo da linguagem de uma comunidade, por exemplo, quando se procura explicitar a estrutura gramatical que a rege é produzido um efeito prescritivo de fixação de algumas regras que antes eram suficientemente flexíveis para permitir certo grau de variação. No caso da ideia de liberdade, há um paradoxo semelhante que é a tensão entre o livre ato de jogar da criatividade humana contra as regras que constantemente cria. De modo semelhante, a burocracia cria situações nas quais a busca da liberdade em relação ao poder arbitrário acaba simplesmente produzindo mais poder arbitrário e, por consequência, regras que acabam por asfixiar a existência. Em um sentido metafórico, ela cria jogos que não são em nada divertidos e que deixam cada vez menos lugar para o jogo espontâneo.

No último ensaio, “On Batman and the problem of constituent power” (Sobre Batman e o problema do poder constituinte), Graeber empreende uma análise sócio-política do último filme da trilogia *Batman: The Dark Knight Rises*, de Christopher Nolan, e de outros super-heróis do cinema, para demonstrar como o surgimento do poder constituinte, representado pelo movimento Occupy Wall Street do qual fez parte, sempre escapa da lei na medida em que a institui. As tramas dos filmes de super-heróis são analisadas como elementos essencialmente reacionários na medida em que sua virtude consiste no enfrentamento de um vilão revolucionário e na preservação do status quo diante do poder arbitrário do livre jogo. Os super-heróis são caracterizados nas tramas como pessoas normais, descentes, superpoderosas, que vivem em um mundo no qual o fascismo é a única alternativa política viável. Eles lutam contra criminosos em nome da lei e, inclusive, operam muito além do marco legal.

A análise das tramas de super-heróis sugere que todo poder capaz de criar um sistema

de leis não pode, ele mesmo, estar submetido a ela. Os exemplos históricos também demonstram que toda revolução social se inicia como um ato ilegal, o que faz com que a lei oficial emane sempre de uma situação de ilegalidade. Cromwell, Jefferson e Danton eram, durante a Revolução Americana, acusados traidores. Frente a isso, conclui que em um mundo globalmente burocratizado os movimentos sociais e as iniciativas coletivistas de democracia direta que tiveram lugar no movimento Occupy configuram um poder constituinte, que questiona as regras criadas pelo aparelho burocrático.

A grande amplitude que toma o fenômeno burocrático em nossas vidas pode nos impedir de termos um pleno conhecimento de seu funcionamento. Por isto o desvelamento da trama burocrática que nos envolve cotidianamente se constitui, a nosso ver, em um dos principais desafios da atualidade. Mais do que procedimentos e normas de “administração” e “gestão”, como comumente se entende os rituais burocráticos, trata-se do domínio político de uma classe social que pretende, dentre outras coisas, expandir suas formas de organização ao conjunto das sociedades. O mérito de Graeber foi ter percebido que a ação das burocracias se assenta no medo da violência física, ou melhor, na possibilidade de que seja acionada a qualquer momento e em qualquer lugar. Desde uma perspectiva explicitamente anarquista, nos apresenta na presente obra algumas intuições e reflexões sobre as burocracias modernas que, quer concordemos ou não, são de grande proveito para aqueles que se preocupam com a transformação da realidade existente, como é o nosso caso.

Recebido em 15 mar. 2017.

Aceito em 10 maio 2017.